

Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telf. 5 Cete
 Director e Editor
PADRE AMÉRICO
 Composte e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA
 Vales do Correio para CBTE

AVENÇA



Gaiato



Visado pela
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 214 Preço 1\$00



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Foi no domingo passado. Os jornais disseram, então, e nós dizemos agora; quando falamos do que sentimos, a notícia é sempre actual. Trata-se da inauguração de seis casas do Património no lugar de Agrelas, freguesia de Galegos. É um pequenino aglomerado em ferradura, cada vivenda com seu quintal e todas viradas ao sol. A senhora Deolinda, viúva, senta-se num banco, fora, e não quer entrar. É invadida por uma forte comoção. A neta que leva consigo, insiste: ande que a casa é nossa. A avó esconde a cara nas mãos descarnadas: ele nunca teve uma casa. Era o seu marido. O marido tinha morrido há semanas. A presença da casa, aumenta a sua dor! A que tinham era uma tal barraca, que houve de ser demolida, apenas de lá saíram.

A casa da senhora Deolinda, segue-se a de uma outra viúva, mais três filhos. Chama-se Sancha. Por ser ainda nova e amiga de servir, foi

a maior de todas as casas, aonde vive o João Manco com sua mulher e 5 filhos. Assim como outros, também a barraca aonde moravam foi demolida; quem manda construir, tem autoridade para botar abaixo.

Um quintal! Oh riqueza! Não tanto a do Pobre como a nossa. A de todos. A da Nação. Digo mais; o uso de um quintal a cada um, traria como consequência imediata a diminuição do crime.

Era de uma vez um cavalheiro que meteu a mão ao bolso e deu-me um maço de notas, com pedido de distribuir pelos pobres. Trouxera-as de Lisboa para dar aos indigentes de certa aldeia, onde foi passar as férias. Não teve a quem dar. Não havia indigentes. Todos tinham o seu quintal. Oh riqueza!

Vamos de novo ao lugar de Ribas, já nosso conhecido, por causa de uma família a viver ali num curral. Voltamos hoje, sim, para dar uma ale-

A Maria de Luanda, que, pela carta, parece morar no Porto, manda um cheque de mil escudos com pedido de os distribuir a dez pobres do Barredo; e eu cheguei de lá ontem à tarde, tendo-me desempenhado de parte dessa missão. Levei por testemunhas o Carlos Gonçalves do Lar do Porto mai-lo Carlos Galamba, um futuro Padre da Rua, que tem muita necessidade de aprender teologia no contacto com os Barredos. Disse em parte, porquanto não é nada fácil escolher de entre muitos miseráveis, quais os raros que ofereçam capacidade para governar uma nota de cem escudos; e esta é a maior desgraça daquele sítio. Brevemente irei por outros lugares dar contas do meu recado.

Doutras visitas que antes desta fiz, tenho outras recordações. Felizes os que se deixam apaixonar pelos pobres! Nós não temos no mundo outros vestígios de Cristo. Não há ninguém no mundo que tanto se pareça com Ele. Ninguém que o Mestre tanto tenha encarado. Sim; guardo no peito grandes recordações. Uma delas é o semblante de uma viúva, ao dizer-me que ontem à noite lhe tinha morrido um neto de desastre; era ele quem ganhava o pão da minha filha. Conversámos os dois. Falamos dos remédios de Deus para curar estas feridas. Deixei-a mais consolada e agora vou a caminho de um outro pardieiro. No Barredo não há casas. Nenhum de nós tinha coragem de ali viver. Não há tintas, nem arranjos, nem processos que sejam capazes de tornar habitável qualquer um dos abrigos daquela gente. É preciso ter-se nascido ali. Subia eu os degraus do terceiro andar com este e outros pensamentos, quando entro na alcova do costume, aonde antes eram mãe e filha e hoje é só a mãe... Ela estava. Estava no meio da desordem dos trastes, sentada sobre um traste. O caixão tinha saído ontem. Um lenço preto cobria-lhe a cabeça. Tinha os olhos abertos. Olhava não sei para onde. Eu deixei-me estar. Ela não me via. Passaram-se alguns segundos à luz deste silêncio. Um

grande vazio enchia a vida daquela mãe; nem filha, nem de comer, nem de vestir, nem amigos, nem família. Não há uma promessa. Não há uma esperança. Não há nada. Ela olhava para tudo isto e não me via. Eu falei. Ela levantou-se imediatamente. Vem direita a mim. Naquele momento eu era tudo. Não me abandone. Se eu não conhecesse de cór a presença de Deus, tinha tido naquele momento uma ocasião única de aprender.

Desci os degraus. Estou novamente na rua. Mais acima há mais desgraças. É um homem meu conhecido, que não pede, mas deseja a morte. Ele não tem nada à sua beira. Nós que precisamos de tantas coisas para estarmos doentes e tantas mais para morrer, e ali, no Barredo e noutras barracas, os seus habitantes adoecem e morrem sem nada!

Uma pechincha

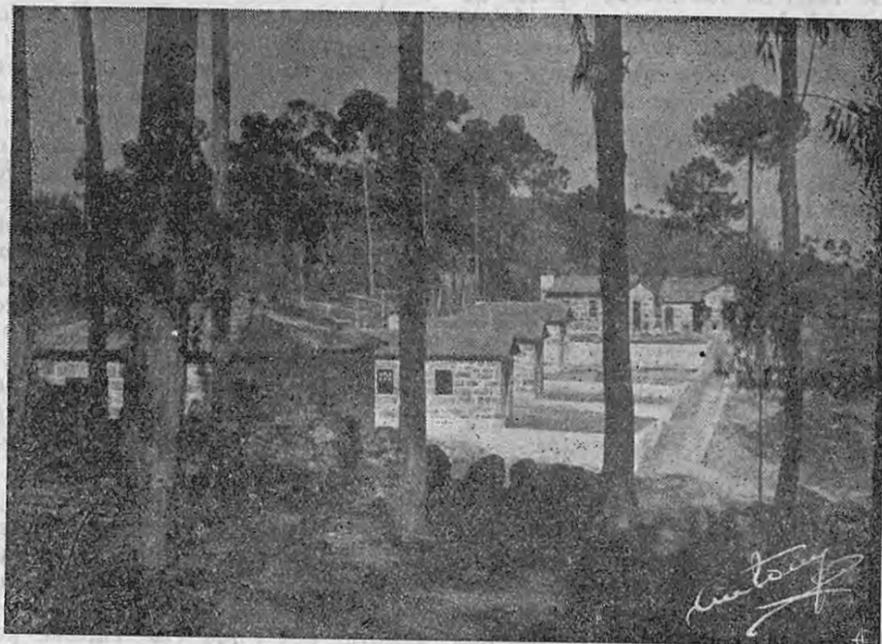
Quem quiser ter a Casa do Gaiato em sua casa, é só pedir ao Avelino a colecção de postais. São 100 e custam 250\$00. Todas as actividades. Todas as posições. Tudo no seu lugar.

Os sapateiros, os alfaiates, os carpinteiros, os da forja, os do torno; o Painso a dar o fole. A imponente tipografia com dezenas de artistas, mais o Zé da Lenha a pedalar. O Preta a coser livros. O Avózinha a compor. Os refugados mais os cozinheiros. Os dos refeitórios. Os lagos, as flores, os jardineiros.

As grandes famílias de patos e gansos e perús e pavões e galos com os seus guardadores.

Os bois e os bezerros e com licença os porcos e as vacas com a família dos tratadores. Os cães. Os da lenha. Os das avenidas. O porteiro. Os das casas. O barbeiro a rapar. Os da rouparia. Os visitantes de pobres. As casas do Património dos Pobres. Tanques de água aonde eles lavam. Lameiros aonde outros coram. Fios d'arame, para estender a roupa. O balneário. Os jogos. O Chico a tratar das suas pombas. Os batatas. Panoramas. Perfis.

Aspectos das casas—família. As escolas. O hospital. Oficinas. Casa-mãe. Capela. Sombra de infinitos cedros. Avenidas bordadas de árvores de fruto. O Pastor a tirar o pão do forno. Tudo fala. E' tudo espontâneo, tudo verdade. Eu também estou.



Elas aqui estão; seis formosas testemunhas da presença de Deus entre os mortais. Dentro delas, remoçam vidas.

ela quem ajudou a dispor as casas dos mais. No dia da inauguração houve quem a visse dentro da casa a olhar em redor, mãos postas, e a exclamar como os santos: Deus anda pelo mundo; o dogma da presença de Deus! Também ela e filhos viviam numa corte!

Uns metros abaixo, está a Alzira, uma enjeitada, que nasceu há 40 anos num solar de ali perto! Assim se presta honra à justiça.

Vem agora o Valério, um homem de 64, quase cego, que dormia nos beirais, ao tempo. É viúvo. Como quer que soubesse da minha visita ao bairro, após o dia da inauguração, o Valério dormiu no preguiçoso, ao pé da lareira, com medo de não fazer a cama como ela estava feita!

Temos também um tesoiro de 84 anos de idade, a senhora Josefa de Sousa e imediatamente a seguir, fica

gria aos nossos estimados leitores. Está perto a libertação dos 7 filhos. A mãe deles, tinha me declarado que de noite foge do curral com o mais pequenino ao peito: eu não aturo. Agora não. Agora tem os seus aposentos de janelas rasgadas na parede, como merece a mãe dos 7 filhos.

Em distribuição

«Isto é a Casa do Gaiato»
 — II VOLUME —

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume esgotar-se-á rapidamente!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
 PAÇO DE SOUSA

ISTO É A CASA DO GAIATO *Tribuna de Coimbra*

*** O sr. António Moreira, que foi por muitos anos o *Periquito*, esteve de visita na nossa aldeia acompanhado de sua mulher e sogra. Bernardino pos uma mesa só para eles no refeitório dos grandes. Foi caldo de favas e arroz com feijão e orelheira; e como ainda era tempo de Páscoa, houve amendoas e pão leve. Moreira e sua mulher foram alvo de alegria dos seus antigos companheiros. Açou-me um par de sapatos novos, alguma roupa branca, roupa de mesa e de cama e regressaram no combóio da tarde. Deus ajude o Moreira e abençõe o seu novo lar. Em comemoração do casamento que eu mesmo fui celebrar na Paroquial de Espinho, e porque muitos homens bons daquela praia se tivessem interessado, nós resolvemos aceitar um pequenino de 7 anos, que era mascote dos bombeiros. O *Preta*, que fora comigo ao casamento com um casal de pombas, trouxe o enfeitado e eu segui no *Morris* para Coimbra. Com este perfaz o número de nove inocentes que temos retirado da pedrinha naquela terra. O rei deles é o *Painso*. Que isto toque no coração de todos os Espinhenses e os que não fazem a barba em casa, que a façam na loja do Moreira.

*** O Bernardino veio-me dar o aviso ao escritório. Esqueci-me e ele tornou, pelo que não tive outro remédio senão tomar providências e fazer um sermão.

Este teve lugar ontem à noite no altar da capela. São ninhos. Falei dos passarinhos. Falei dos seus lares. Falei da sua beleza. Disse da necessidade que nós temos deles. Avisei. Ameacei. Denunciei que de entre todos os presentes, havia e há de facto três rapazes incumbidos de espreitar. Eu cá não gosto nada disto; nunca espreito. Mas é pelo amor aos passarinhos. Eles são uma grande tentação.

*** Outra vez o Bernardino que veio ao meu escritório na companhia do *Papagaio*, declarou que *Pombinha* e *Manel do Embrulho* se portam agora bem e que lhes desse eu licença de andar na bicicleta. Muito estimei ouvi-los e disse que sim senhor. Passados alguns dias, viu-se um grande barulho no campo de jogos. Eram os quatro mai-la bicicleta. O *Papagaio* era o galo. Foi-se a perguntas e chegou-se ao fio. O *Manel do Embrulho*, cheio de soberba, declarou ao Bernardino que a bicicleta era muito mais dele do que dos outros! Mas há mais; *Manel do Embrulho* foi mais longe e ameaçou o Bernardino! E eis de como é certo por bem fazer mal haver.

*** Já há muito tempo que não acontecia, mas aconteceu ontem *Electricista*, munido de uma nota de 50\$00, dirige-se a uma loja e compra uma carteira e figos e um pacote de cigarros e uma caixa de fósforos e uma lâmpada eléctrica; tendo colocado esta mais a carteira no seu armário. Como este tem portas de vidro, as duas peças tentaram um outro rapaz o qual, por sua vez, arromba a porta e furta. *Electricista*, sentindo-se roubado, queixa-se afirmando que aqueles dois objectos lhe haviam sido oferecidos pela senhora da Granja, que esteve conosco dois dias. A mentira cresce e embrulha-se e espalha-se. No fim da tarde já havia o nome de mais um cúmplice; o *Painso*. Nessa noite, com todos os elementos na mão, houve aqui um tribunal de extensão e profundidade como nos tempos do *Zé Maria* e do *Camões* e

de outros azes que por aqui têm passado. Chamaram-se os três à parte. Desfiou-se o crime; as suas consequências. Chamou-se pelo Decálogo. Estavam 180 rapazes testemunhas. Eu disse que nenhum dos presentes ficaria satisfeito se os réus não fossem castigados. Disse-lhes que não pode haver uma acção má sem que venha com ela e por ela o castigo. Hoje andam os três ao recreio do meio dia e ao recreio da tarde, ocupados em trabalhos que o chefe designar.

*** A última reunião dos três grandes, teve lugar na casa de Miranda do Corvo. Levei comigo um saco de amendoas, sobras de Paço de Sousa. Como era tempo de Páscoa, aproveitei e pedi de jantar em casa de uma família amiga; aonde o filho mais velho, estudante, me deu 500\$00 das suas economias, para as casas do *Patrímónio*. E pedi de almoçar a outra família amiga, aonde os pais me deram um bolo de Páscoa, dois queijos da Serra e dois mil e quinhentos escudos.

Chegado a Miranda, noto uma data de rapazes na sementeira das batatas e no meio deles, ao arado, um mais crescido, que tomei por jornalista. Padre Horácio aparece e eu digo-lhe a minha pena de andar ali um estranho e soube que o tal grande também é nosso. É um seminarista em férias. Um seminarista a trabalhar com seus irmãos. Deixei-me invadir por uma grande alegria. Aquilo está certo. Nós temos de trabalhar. Temos de dar o pão aos outros com o suor do nosso rosto.

Apertei a mão do Padre Horácio. Estamos perfeitamente inteirados. Muitas casas da Obra da Rua, mas um só pensamento. Aqui é na mesma. O Carlos Galamba, seminarista nos Olivais, mal chega, arregaça as mangas e apresenta-se ao Júlio. Nas férias passadas, Júlio entregou-o o *Piolho* e o Carlos Galamba, durante 15 dias, foi um subdito do *Piolho*! Carlos Galamba fez o curso, fez estágio e tem carta de engenheiro. Mais. É aluno de teologia. Pois nada disso lhe vale; trabalha aqui e nas colónias da Ericeira, tem noites que nem dorme. Nós temos de trabalhar. Temos de ganhar o pão dos pobres com o suor do nosso rosto.

*** Já há muito que ouvia dizer, sim, mas não acreditava. Pombas. São pombas. Avelino, dizia-me que havia um vidro partido no seu escritório por onde elas entram, por volta das 6 horas da tarde e ficam toda a noite sobre os jornais, nas prateleiras. Júlio, por sua parte, tem uma outra versão; não fecha nunca uma das janelas para dar entrada franca às pombas. Ouvia tudo, e deixava andar. Aquilo não era assim. Não podia ser.

Ontem, porém, entro no escritório do Júlio em hora que ele não estava e vejo no cimo de uma estante, com os leques a dar no teto, duas formosas pombas! Embebido naquela doce visão, nem sequer dei pelo Júlio, que tinha entrado e estava junto de mim. Eram pombas! Duas pombas. Um casal, informa o Júlio. E conta-me de como elas andam a fazer ninho e de como entram nas oficinas à procura de aparas de papel. Avelino aparece, confirma os episódios do seu escritório e reparava a minha incredulidade; então é ou não é.

Sim. É! As pombas fazem ninho. As pombas arrulham e abrem seus leques. São testemunhas de vista das notícias que delas damos. Elas conhecem os compositores e os dirigen-

Vamos começar os peditórios nas igrejas de Coimbra e levamos muita fé na generosidade de quem nos vai escutar e levamos tanta mais fé, quanto maior é a nossa necessidade. Nós somos mendicantes. Nós temos de pedir. A misteriosa exuberância da nossa Obra, tem aqui as suas raízes. A época para nós tem sido má em receitas e as despesas vão aumentando. Não somos como as formigas, que enceleiram no verão para comer no inverno; nós somos como as avesinbas do céu, que não enceleiram e o Pai Celeste as sustenta. Começamos com a primeira casa para Pobres e depois desta habitada fomos a mais duas e depois destas com dono, lançamo-nos à quarta que tem como possuidora uma pobre velha viu-

tes da tipografia. Pombas!

Naquele tempo falou-se muito das pombas que acompanhavam o andar de Nossa Senhora de Fátima. Era? Não era? Seja como for, há uma coisa que é: o amor do próximo é semelhante ao amor de Deus.

*** Agora por pombas, tenho a dizer mal do Chico delas. O Chico das pombas, sempre que eu vou ao Lar do Porto, não me larga enquanto lhe não dou uns cobres para comida das suas pombas. Ora há dias, vim a saber que ele pede o mesmo ao chefe do Lar e também, de longe a longe, à senhora. De sorte que são três carinhos, mas hoje, descoberto, come só a um e come pouco. Ontem Chico, pediu-me licença para se filiar. Como eu estou escaldado, sem mesmo perguntar o que aquilo era, disse-lhe redondamente que não; tu estás desacreditado. Mas o rapaz insiste. Que pode concorrer. Que pode ganhar prémios. *Ande lá; deixe-me filiar no clube*. E eu deixei.

*** A coisa mais falada na nossa aldeia de todos os tempos que nela me conheço, é o *Zé Ganso*. O *Zé Ganso*. *Zé Ganso* é o produto de um ovo que foi colocado entre muitos de patos. Nasceu no meio de infinitos parreiros e cresceu a olhos vistos. A certa altura a mãe retirou-se—*Zé Ganso* tomou conta.

Manhã cedo, o Neca pequeno abre a capoeira. Isto coincide com o fim do almoço da malta. Uma vez fora do refeitório, ninguém se retira. Abrem alas à espera do *Zé Ganso*. Daí a nada, surge o batalhão. *Zé* à frente e três dúzias de patitos atrás! Eu estou à porta da capela à espera, também, do batalhão. Eu tenho de me interessar e amar as coisas que eles amam, se quiser conquistar o amor de cada um. Eis.

*** Ontem chegou aqui um senhor estrangeiro, que falava português. O cicerone abre a porta do meu escritório e sem dizer água vai, enfia o visitante pela porta dentro! O senhor senta-se. Identifica-se. Veio a Portugal estudar as nossas obras sociais e declara: *disseram-me que eu não teria visto nada se não visse a Casa do Gaiato*. Achei a informação um nadinha espectacular, mas não alterei. Como tivesse de sair na ocasião, chamei o chefe a quem dei instruções: cama, mesa e um cicerone às ordens. De regresso, soube que tudo corra bem. E mais nada.

va, a tia Josefina, com um filho na sua companhia a quem o Pai Américo entregou a chave na 3.ª feira de Páscoa no meio da simplicidade, da alegria e de lágrimas.

Começamos sem verba e acabamos sem ela. Gastamos para cima de cinquenta contos e não chegamos a receber dez. Donde veio? Do Pai Celeste e das nossas economias.

Terminamos para já com as casas dos Pobres para principiarmos com uma casa grande para nós. Esta há-de servir de balneário, sapataria, barbearia, celeiro, dispensa, adega, cozinha, copa, sala de jantar e um andar para habitação. Levará perto de quinhentos metros de pedra, um pinhal de madeira, cimento não se calcula e o resto não se pensa para não nos afligir mais.

Sobeja razão tinha o Senhor Padre Américo para no momento em que rebolou a primeira pedra para o funlo deste futuro edifício, exclamar: *uma nova casa, mais cabelos brancos para a minha cabeça, mais aflições, menos tempo de vida*.

Eu fiquei a olhar para ele e prometi não o atormentar por causa desta casa.

Deixo aqui o apelo.

Vamos correr as igrejas, as praias e as termas do costume; esperamos ansiosamente todos os dias pelo correio; batemos vastas vezes às portas dos estabelecimentos onde vós costumais deixar.

Começamos com a certeza na Providência de Deus, com toda a nossa vontade e confiamos na generosidade dos homens. Três elementos para conseguirmos o nosso fim. Nenhum há-de faltar.

O que nos vão dando;— 120\$00 e mais cem para a pobre tuberculosa e para a Conferência de Miranda e a pedir três missas, da Pampilhosa da Serra; roupas usadas; e um senhor que passou pela estrada e viu-nos e esvasiou o porta moedas. Um cesto de batatas e a pedir orações; 2 pulovers; 50 selos de Tondela para a pobre da casa da capela; visitantes com 17\$50; um vale de cem de Oliveira de Hospital. É um amigo certo e antigo. Cinquenta para as amendoas dos seus meninos dum senhor médico muito dedicado; vinte para uma missa; visitantes com amendoas e vinte; um envelope com 150 e Boas-Festas. É assim mais vezes. Roupas usadas e livros; um garrafão de vinho da nossa mãe.

P.º Hordcio

Adquira o
II VOLUME
do «ISTO É A CASA DO GAIATO»

Crónica Vicentina

Tenho pena de não ter as facilidades que os jornalistas têm em escrever, porque se as tivesse havia de escrever muito daquilo que o meu coração sente sobre esta tão nobre vida vicentina.

Sim, tenho pena, porque havia de revolucionar todas as aldeias, todas as vilas, todas as cidades para que os jovens da minha idade se dedicassem com amor e carinho aos nossos irmãos que o mundo tanto despreza. Esse mundo que embora esteja a caminho de grandes progressos vai deslizando para um abismo do qual os homens não dão conta. Para vos testemunhar de como ele é, eis um caso que se passou na nossa conferência e que eu vos conto tim-tim por tim-tim. Eles são um casal com uma filha. Ele é doente. Ela idem. Vivem num quarto a pagar 50\$00 por semana!... O marido andava a trabalhar por conta de outrém e aconteceu que nesse mesmo trabalho se feriu numa perna e teve que ir para casa onde esteve alguns dias sem sair. Quando se encontrava melhor, apresentou-se ao patrão para trabalhar. Resposta do patrão — vá-se embora porque não há que fazer! No dia seguinte veio ter com um dos nossos confrades e expos-lhe o assunto. Enquanto falava, as lágrimas caíam-lhe pela face. Sabeis porque aquele homem já com perto de cinquenta anos chegava junto de um jovem como vós? Eis a resposta do próprio: não tenho pão para dar à minha filha!

Será esta acusação o bastante? Seria, mas há mais. Foi passado dias que este mesmo pobre se apresentou em nossa casa pedindo auxílio para sua mulher que se encontrava presa no Albergue. Porquê? Porque andava a pedir pão para a nossa filha!... Respondeu ele. Vede como o mundo é mau, como os homens são injustos. Vede como a presença, o sacrifício, o amor de todos os jovens de Portugal são uma necessidade urgente para os nossos irmãos pobres. Qual a causa que levou aquela mulher a mendigar pão para a sua filha? O homem desempregado, ela doente. Onde o iam buscar?... Como os homens são injustos!...

Nós sabemos que existe e até defendemos a lei que proíbe mendigar. Mas isso não basta; é preciso ir procurar os verdadeiros casos e resolvê-los de maneira que o pobre não se veja na necessidade de contrariar a lei que o proíbe de pedir pão para os seus filhos. Esta é a grande injustiça dos homens. Não querem ter massadas em procurar esses verdadeiros casos. Custa-lhes subir uma escada com muitos degraus, repugnantes entrar num quarto onde não se pode estar com o mau cheiro, provam ter medo de entrar num Barredo onde a injustiça dos homens mais se nota.

Vede caros jovens de Portugal como a vossa presença na vossa aldeia, na vossa vila, na vossa cidade é um caso urgente que deveis resolver em prol daqueles que precisamos de nós.

Sim; digo outra vez; tenho pena de não ter as facilidades dos jornalistas, pois se as tivesse, havia de escrever de maneira que os vossos corações despertassem e vós vos dedicasseis a esta tão nobre vida vicentina.

Carlos Gonçalves

Da que nós necessitamos

Mais 280\$00 de Lisboa; sim senhor. Fique sabendo que as roupas de cama foram entregues aos Pobres do Património. Mais cinco contos do Estoril por meu marido e filho. Aqui se deixa a memória para conforto dos vivos. Mais 500\$ de um estudante de Mesão Frio. Mais de Silva Porto, África, duas irmãs dão 110\$ e 500\$. Mais 450\$ de Lisboa. Um engenheiro da Barragem do Biopio no Lobito, manda 100\$ por intermédio de um seu amigo de Alcácer do Sal. Mais 300\$ no Lar do Porto. Mais 130\$ idem. Mais 50\$ do Dr. Zequinhas. Mais uma encomenda postal do Chinde. Mais um par de brincos da Maria, que deram 300\$. Mais de Lisboa 50\$ de E. Hein. Mais 100\$ de Casaldelo. Mais o ganho de um mês de uma grande pecadora. É dinheiro honesto, ninguém duvide. Porquê? Quem se confessa é honesto. Mais uma mãe que oferece 50\$ de uma semana de trabalho do seu filho e ela, a mãe, dá 100\$. Isto é simplesmente admirável. Este dinheiro escalda, redobra as responsabilidades dos dirigentes da Obra. Mais 600\$ de Lisboa. Mais a relação dos Oficiais Sargentos e Praças da Mandovi, em Bissau, a 21 de Março de 1952. São 33 nomes que tiraram divisas e galões para serem todos iguais a esta mesa de comunhão sagrada: mil quinhentos e setenta escudos. Mais 20\$ de Gondomar. Mais 100\$ do Porto.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Hoje vim cheio, melhor, contagiado, por uma alegria contagiosa. A alegria dos Pobres. Pois bem. É o caso de um do Património deles, contente, satisfeitosíssimo da sua vida, a lançar à terra a semente, que em tempos devidos lhe apresentará o indispensável para o sustento.

Ele é velho. Quebrado pela força irresistível dos anos que passam sem a gente dar fé. Tem poucas forças e a espinha dorsal inicia uma dobra que se vai notando. Poderia, é humano, não sentir forças nenhuma para desbravar e depois, ainda, semear! Sim; poderia. Mas, quem pode mais que a alegria de ter mesmo depois de velho, o que jamais possuiria se não fosse o Património?

Um quintal! Um campito onde há verdura e água para regar. Batatas, couves, cebolas, alhos, ervilhas... Que maravilha! Um pouco de tudo. E isto misturado com a sua alegria que os seus olhos viram e são incapazes de pintar.

— Então, que faz aí sentado?

— Estou a descansar!... Olhe, ali agora era vides; mas já não é tempo!...

De facto, o sítio era magnífico. A videira ficaria imponente no lugar que lhe pertence, segundo ele, que é mestre no assunto. Era como a sopa caída no mel. Mas... já não é tempo! Se fosse, era mais um familiar, na família numerosa daquele quintal dum dos habitantes do Património dos Pobres.

Mais; ele é da nossa conferência e todas as semanas eu vou por aí acima, atravessar montes e vales, para lá chegar, para ouvir e remediar.

Disto tudo, uma lição se aproveita: os Pobres não são desprezados. Quando têm, também sabem estimar.

Porém, a barraca é inimiga dos bons hábitos. Possuam eles uma casinha limpa, modesta e decente, numa palavra, pobre, juntamente se possível, com um quintalzinho e o Pobre, mimoso agora, com o que é seu, fará outra vida. De contrário, não. A barraca é inimiga dos bons hábitos.

— Nesta quinzena recebemos 100\$00 da Guiné. Os senhores reparem por onde anda a chama da nossa Conferência. Pela Guiné! Uma senhora do Porto mandou 50\$00. Um senhor de Torres Novas, cinquenta. Outro da Braga dos Arcebispos metade. Outra da capital do Império vinte escudos. Mais nada.

JULIO MENDES

Mais um envelope sem letras por fora e nada por dentro, a não ser uma nota de mil escudos. Eu chamei o Presidente e mostrei a insignificância exterior da coisa. Eu ando a ver se o inteiro do engano das fachadas. Vamos a ver. Mais de G. S., Lisboa 50\$. Mais de Pombal, tudo como diz na carta. Mais do Freixo 30\$. Mais 300\$ para a viúva que governa a sua vida com 50\$. Mais lixa de Aveiro. Mais da Deveza Velha, S. João da Madeira, sim. Mais 5\$ para os pobres do Barredo. Mais 100\$ de alguém que não estava no peditório da Igreja das Carmelitas. Mais esta carta:

«A Secção de Fiação da Sociedade Portuense d'Algodões Lda no desejo de auxiliar a Casa do Gaiato, resolveu organizar um mealheiro, que será aberto todos os meses, seguindo assim, o nobre exemplo dos camaradas da Fábrica dos Tabacos a (Portuense), do qual resultou, uma receita, de 92\$00, relativa ao mês de Março de 1952, que em breve será enviada em vale do correio.

Peço ao Senhor Padre Américo, seja publicada esta carta no grande jornal, «O Gaiato», a fim de todos, quantos cotizaram, se certificarem de que o dinheiro foi entregue.»

Nós aqui não conhecemos ninguém nem sabemos verdadeiramente até onde chega a nossa palavra; por isso damos graças ao Pai Celeste quando recebemos estas e outras notícias. Mais um amigo que nos veio cá entregar 2 000 cruzeiros produto de uma reunião do Sarrabulho em Botafogo, com saudades para o Zé Eduardo. Retribuímos, com saudades.

AGORA

Ora queiram ter a bondade de afastar mais um nadinha e reparem todos para o guião de hoje. As letras dizem é dinheiro de pobres para outros mais pobres. São portugueses do Dundo, África, aonde está em causa uma casa do Património e mandam hoje, por cheque e por conta, a soma de 8 590\$00. Quando vier o resto tornamos aqui. Atrás vem Sá da Bandeira, que também é África, com 30\$00. Tornam Minucha, Gracita e Zé Júlio. Um funcionário Municipal mais a sua mulher não festejaram a Páscoa por amor do Agora e vão aqui com um quilo de pregos, 50\$00. São de Lisboa. Ali também há heróis que se privam de amendoads! O Carlos vai com 70\$00 para cal. É a primeira vez que um assim se fala. Diz ele para que sejam branquinhas. Vão agora duas telhas do Brasil e uma do Porto 60\$00. Lisboa vai com 20\$00. Anadia quer que seja colocado um crucifixo e manda 100\$00. O Dr. Mário dá 500\$00; é de Lisboa. Outra vez o Porto com uma telha de 100\$00. A Figueira da Foz leva 60\$00. Coimbra responde com 100\$00. Outra vez Coimbra com metade. Lisboa torna a enfileirar com uma telha de 100\$00. Eu tenho muito medo que tudo venha a dar em telhas! Temos agora um devoto original; vai com 30\$00 para o chapéu da chaminé duma casa. Uma avó do Porto manda um neto de an-

NOTA DA QUINZENA

É costume aqui em casa, fazer-se a Via Sacra na noite de Sexta Feira Maior. Depois da ceia, vem um pequeno recreio e a seguir entramos na capela. O Avelino já está com o livro e junto dele o Abel, com a cruz e dois companheiros devidamente paramentados. Sejaquim ao órgão, espera pela primeira estação, e em todas elas, intercala cânticos adequados. Isto fazemos nós na aldeia, desde a hora em que nela nos instalamos. Ora acontece que na Sexta Feira deste ano, eu tive de me ausentar; e tão preceptivamente, que nem me lembrei de recomendar ao Avelino. Quando o Morris já ia longe, entre aquela usual multidão de coisas que me assaltam, vem a Via Sacra. Vem o imperdoável esquecimento. E para maior tristeza, eu só regressava no dia seguinte Sábado de manhã, andava pelo Porto. Era o Sábado da Paixão. Mais gente nas ruas a preparar a Páscoa. Eu trazia comigo a paixão; a grande paixão. Chego a casa e nem sequer pergunto ao Avelino; para mim era ponto ausente. Este ano, ficamos sem Via Crucis.

Vem a tardinha. Procurei o banco do chamado meu jardim, uma coisa e outra chamadas por eles; muitos dizem mal, por mal feito, e eu digo bem, só bem, por ser a gosto deles. Sentei-me. O campo de jogos andava cheio. Aos sábados é justamente o dia do balneário. Ouvem-se longe os ais e os uis dos mais medrosos, quando a água lhes cai em cima. Do banco, pode-se estender a vista até à cortina dos montes, em campos de sementeiras, sombras negras de pinhais, casas brancas a luzir — um mundo de beleza! Ao pé, há canteiros bordados com flores a despontar.

A Casa III é ali. Júlio e Avelino têm nela os seus aposentos. Aquela sai, vê-me e aproxima-se. Senta-se e diz: sabe, fizemos ontem a Via Sacra. Esta afirmação inocente produziu no meu ser a alegria interior de quem acha o tesouro perdido. É preciso ter a experiência e viver a certeza das coisas de Deus, para compreender o desmaio silencioso que uma tal notícia me causou. Fizemos ontem a Via Sacra.

Como eu nada respondesse, o Júlio continua: é a tradição. Outra palavra forte. Tradição é a força que liga as gerações. A história dos homens, é feita pela tradição. Quebrá-la é enfraquecer. Júlio explica por ela, pela tradição, o acto religioso a que ontem à noite tinha assistido.

Eu estava cheio; tanto, que nem podia responder. A comoção seguia-se à comoção. Júlio continua: como nós todos sabemos que se v. estivesse faria a Via Sacra, fizemos. Do campo de jogos, vinha a vozaria da bola. Os cozinheiros, tinham tocado as três badaladas que chamam os refeiteiros; iamos ceiar. Ergui-me. Despedi o Júlio e afastei-me. As grandes dores são semelhantes às grandes alegrias; de tudo tenho tido e só na solidão! Afastei-me. Se eu estivesse teria feito aquela devoção, mas como não estava e eles sabem quanto a amo, fizeram-na. Aqui está um programa. Aqui a certeza. Se já em vida eles respeitam a minha ausência, que dizer quando da morte?

Mas ele há mais. Podemos subir mais alto. Prescrutar o Eterno. Estes rapazes, ligam-se a mim por um acto religioso. Respeitam e querem a tradição de um acto religioso. Já não é uma simples ideia; é antes, uma necessidade criada na alma deles. As revoluções são assim. As revoluções da alma são isto.

jinho com 50\$00 na bandeja. Outra vez Lisboa 280\$00. Temos agora um grupo. Outra fastade-la por favor; são Técnicos do Laboratório do Instituto do Vinho do Porto com 875\$00. Braga manda uma telha de 20\$00 por um vendedor do jornal. Lisboa aparece outra vez com 200\$00. Na Páscoa de 52, 40\$00. Chegado a esta data e feitas as contas, anda por 402 mil e cudos que os leitres do Famosíssimo quiseram oferecer desde Abril a Abril. Nem eu acreditaria se o dinheiro me não tivesse passado pelas mãos; e também não tivesse sentido e gozado a presença de vinte e duas famílias dentro de outras tantas casas, erguidas de Abril a Abril. Brevemente anunciaremos a entrega de mais cinco delas. Num ano percorremos uma terça parte do caminho e ninguém se mostra cansado. Avante! Caminhando e amando, encha cada um a medida dos seus dias. Assim fecha hoje a procissão.

Ficamos em 897.520\$00

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Estiveram cá na nossa aldeia, de visita, os nossos amigos Sr. Engenheiro, P.º Joaquim e o P.º Eugénio. O sr. Engenheiro foi que esteve entre nós mais tempo. Na hora de trabalho apareceu no escritório da tipografia, e aí trabalhou.

A estes nossos amigos, um muito obrigado pela visita, sinal que não esquecem a malta de Paço de Sousa.

Mais um dos nossos rapazes vai a caminho de África. É o Amadeu Mendes, irmão do Júlio Mendes. Vai trabalhar para a Sena Sugar na Zambézia, onde já trabalha o nosso António Teles.

Que ele saiba erguer bem alto o nome da Casa do Gaiato.

Ao Amadeu Mendes, os seus colegas de Paço de Sousa desejam-lhe boa viagem e felicidades. E para o António Teles um abraço dos seus amigos que cá ficam. Até um dia se Deus quiser.

E mais pintalhões, mais patos e mais gansos. Um mundo de animais na Casa do Gaiato, mas nem por isso eles se dão mal. Nunca tivemos tantas ninhadas como este ano!

E a terminar estas notícias, a última é a dizer-vos leitores amigos do Porto e arredores, que já me constou que se anda a arranjar uma festa no Coliseu do Porto.

Desde já previno, amigos, que não falem, pois vai ser uma noite em cheio. Um espectáculo inesquecível.

Crónica Desportiva

O nosso jornal não é desportivo, por isso alguma coisa que nele fale de desporto é muito resumida. Por esse motivo limito-me a resumir o que foi o encontro de domingo no soberbo «Estádio 28 de Maio», em que eram adversários o Grupo do Gaiato e o Sporting de Braga (juniores) campeões do Minho. Este desafio fez parte de um festival desportivo em homenagem a dois jogadores bracarense da equipe de honra.

Perante pouca assistência o nosso team formou da seguinte maneira: Fernando; Durães, Sérgio e Manel; Prata e Alfredo; Jacinto, Norman-do, Carlos, Albano e Amadeu.

O desafio principiou às 14,30 com bola de saída dado pelos gaiatos. De início os nossos ficam sem a bola e mostram dificuldades em jogar no relvado, pois são inexperientes. E é nos primeiros minutos do desafio que o Braga obtém o 1.º tento. E com 1-0 o desafio continua. O nosso grupo ataca mas sem êxito. Em contrapartida os bracarense atacam e obrigam Fernando a desviar a bola para canto. Marcado este, nada resulta. O nosso guardião põe a bola em jogo. Carlos tem o esférico em boas condições mas... atira para fora! Está-se jogando a meio campo. Avanço da dos nossos e nova oportunidade perdida por Amadeu.

E com 1-0 a favor dos bracarense o desafio está a chegar ao intervalo. Diga-se que o adversário está mais habituado a campos relvados que os gaiatos. E o intervalo chegou. Os jogadores vão até às cabines refrescarem-se um pouco.

2.ª Parte

Antes de recomençar o desafio houve troca de galhardetes.

Os jogadores vão ocupar os seus lugares, e o árbitro dá sinal para principiar esta segunda metade do desafio. A bola está nos pés dos nossos jogadores que não chegam a causar perigo. Como no 1.º tempo, sucedeu o mesmo nesta segunda parte. Poucos momentos jogados e novo golo dos bracarense. O resultado passa a ser de 2-0. Os gaiatos não desanimam, pelo contrário mostram-se animosos. A bola anda no nosso campo. O nosso sector defensivo é o que tem dispendido mais energias. O adversário é de respeito, e sempre que podem avançam de modo a causar calafrios na nossa defesa. Estamos nos 15 minutos desta segunda parte e novo golo do Sporting de Braga numa jogada habilidosa do seu interior esquerdo.

E com 3-0 o encontro continua. Avançada dos bracarense que obriga Fernando a desviar o esférico para canto. Marcado vai para fora. A sorte abandonou-nos por completo. Amadeu acaba de perder nova oportunidade de golo, chutando muito por alto. O jogo continua com o adversário ao ataque. Albano tem a bola avanço um pouco, mas chutou ao lado. O guardião bracarense põe a bola em jogo e esta vem cair no meio campo. O tempo passou-se e faltam apenas 3 minutos para o terminus do encontro. A bola está na nossa área e vai fora. Um jogador adversário faz o lançamento em boas condições para um seu colega que despede o remate... É livre de canto contra os nossos, que marcado nada resulta.

Ouve-se o apito final. O desafio terminara com a vitória do Sporting Club de Braga (juniores) por 3-0.

Os grupos esperam no relvado uns momentos, até que surgem outras duas equipas e os homenageados. Aos mesmos foram-lhes oferecidos dois ramos de cravos, do grupo dos Gaiatos.

Esta crónica está terminada. Antes, porém, quero expressar os nossos agradecimentos aos jogadores bracarense do grupo de honra, que nos receberam em suas casas para almoçar. A

eles, e ao nosso amigo Monte Empina que nos acompanhou do Porto, um muito obrigado em nome de todos os gaiatos. Bem hajam. Isto é que é Desporto!

MANUEL PINTO

MIRANDA DO CORVO O déficit desapareceu rapidamente o que nós não contávamos pois já recebemos vários donativos que muito alegrou os nossos confrades. O primeiro foi de oitenta esc. vindos da Pampilhosa da Serra. O segundo foi de quinhentos da Conferência do Lar do Porto. Novamente o Porto com 20\$000 uma senhora amiga. Atrás vai a Lousã com outros 20\$000 dum senhor também muito nosso amigo. Duma comimbricense vieram quinze e mais quinze dum figueirense. Agradecemos a todos estes benfeitores e agradecemos também à generosa Conferência do Lar do Porto que não se esqueceu da Conferência mãe e a mais pobre. Desejamos que não seja preciso lembrar os nossos caros leitores quando estivermos em déficit e que continuem a mandar dinheiro porque o que temos não é o bastante para coisa tão necessária, e não esqueçais que quem dá aos pobres empresta a Deus.

Este ano fomos um bocadinho mais avante para com Deus pois a nossa desobriga foi de mais brilho que os anos anteriores. Começamos a nossa preparação no domingo de Ramos que nos foi aplicada pelo sr. P.º João Evangelista que preside ao Lar de Coimbra nas muitas ausências do sr. P.º Horácio. A nossa confissão foi na quarta-feira e a comunhão pascal foi na quinta-feira Santa. Todos nós comungamos com muito amor e devoção e até três dos mais pequeninos comungaram pela primeira vez. No mesmo dia à tarde tivemos uma hora de adoração que foi das cinco às seis em que houve terço e contemplação da triste agonia e dos tristes passos doloroso de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A nossa Páscoa foi razoável em toda esta semana gloriosa, primeiro da parte da alma e depois da parte do corpo. No dia de Páscoa como costume comungou-se e houve amendoas e toda a alegria em nossa casa. Na terça-feira tivemos a visita do nosso Pai Américo e do sr. P.º Adriano para a reunião e para entregar a quarta casa do «Património dos Pobres». Esta família é constituída por mãe e filho que anda a trabalhar em nossa casa para ganhar o pão de cada dia e para se vestir e calçar porque antes andava roto e descalço agora já anda melhor e já lhe demos uns sapatos.

O nosso boi antigo que nos prestou serviço durante 5 ou 6 anos já foi vendido e readeado 3.650\$00 e em seguida comprou-se uma vaca que dá de 16 a 20 litros por dia mas que custou 4.550\$00 quase um conto a mais que os boi que tínhamos!

CARLOS MANUEL TRINDADE.

PORTO Decerto vistes estimados leitores, nos jornais diários da cidade, que foram entregues mais seis moradias pelo nosso Pai Américo, a outras tantas famílias humildes, que dantes viviam em cortelhas, tal como animais.

A notícia foi recebida com jubilo pois tal melhoramento e tal obra erguida pelo nosso Pai Américo à sugestão apresentada em tempos pelos vicentinos de Paço de Sousa, é devida à vossa generosidade, pois fostes Vós, com o pouco ou muito que destes, conseguistes tirar mais alguns pobres da toca e dar-lhes em troca uma casa bonita e airosa, com as comodidades precisas e que dantes não tinham.

Fostes Vós estimados leitores e amigos, que em colaboração com ele ajudastes quase sem dar por ela a serem erguidas mais aquelas tantas casas que são hoje quase divinizadas pelos pobres. No entanto quase não destes por ela. Vistes amigo como foi fácil e se tu e todos quisessem ajudavam da mesma maneira a serem erguidas mais e muito mais casas que seriam no futuro o amparo dos Pobres e assim se livrariam das cortelhas impróprias para habitar.

DONATIVOS Temos recebido alguns donativos, mas há um que nos fere a atenção pela maneira como tal acto é executado.

Trata-se de uma pessoa que não dizendo quem é, faz a entrega no nosso Lar (com o rótulo, é para os pobres) a importância de 20\$00 todos os meses. Actos destes que só Deus tem conhecimento merecem de todos toda a admiração.

A esta senhora ou senhor pois, os nossos agradecimentos.

Também de uma mãe que muito nos quer — produto de um mealheiro 25\$90. Se é certo que muito nos quer, aos pobres ainda mais. Não é assim?

De uma Maria Ninguém 20\$00 e de outra mãe 20\$00, seguindo-se alguém com as iniciais A. A. que fez a entrega de 70\$00.

Como vêm foi uma jornada feita em segredo e que muitos talvez pobres, deram para os pobres, do qual só Deus tem conhecimento. A todos o nosso muito obrigado, e não se esqueçam de continuar a ajudar-nos na medida do possível pois da vossa ajuda muito beneficiarão os pobres.

CARLOS VELOSO DA ROCHA



Aqui,
LISBOA!

Na igreja de S. Domingos, com vinte e cinco contos e uma libra, fecharam virtualmente, por este ano, os peditórios nas igrejas de Lisboa. Como sempre, não faltaram ali, logo de manhã cedo, os humildes a dar o tom ao grande cántico de amor que naquela manhã ia entoar-se. Foi uma criada que veio confiar uma avultada esmola, por aima dos patrões há muito falecidos e uma pobre distribuidora de leite que, depois de colocar no prato quando traz, vai por mais e deposita-o nas nossas mãos com esta formosa declaração: «eu tenho muito amor a esta Obra; eu falo dela às minhas freguesas, elas comovem-se e querem dar-me dinheiro. Diga-me onde posso depositá-lo.»

De porta em porta aí vai esta pobre mulher distribuir bilhas de leite e pregar o amor a Cristo, na pessoa dos pequenos abandonados que ela encontra de madrugada, a dormir nos portais, quando anda na sua tarefa.

O monte cresceu com notas de quinhentos e uma de mil que foi o espanto dos rapazes que andaram na colheita.

Um Arquitecto veio oferecer os seus serviços gratuitos; o mesmo fez um Engenheiro.

Já anteriormente outros arquitectos, engenheiros, advogados e médicos se tinham prontificado a servir a Obra com generosa dedicação.

Por aqui concluímos desde as classes pobres à mais elevadas se encontra felizmente quem queira estender o reino da Caridade de Cristo, no que seja Ele sempre louvado!

Com uma nota de mil começou o cortejo para a restauração da igreja. Foi um dos da venda do jornal que a recebeu à porta du-

TOJAL A nossa casa continua cheia de Rapazes. Não há dia nenhum que não venha cá gente com rapazitos para ficarem cá. Mas têm de voltar pelo mesmo caminho. É raro poder entrar algum.

Há tempo veio cá um bombeiro trazer um. O rapaz mal viu o Senhor Padre Adriano, desatou a fugir pela estrada fora. O bombeiro ficou atrapalhado sem saber o que havia de fazer.

Alguns dos nossos rapazes foram atrás dele e foram apanhá-lo escondido dentro duma casa duma velhinha aqui do Tojal.

Logo que entrou em casa, declarou logo que não queria trabalhar nem estudar.

Mas aquilo passou-lhe; agora trabalha como os melhores e o Sr. Professor também está contente com ele na escola. É o Páscoa.

Chegou há pouco outro rapaz. A mãe tinha-o dado a um cigano. Depois os ciganos fartaram-se dele e deitaram-no fora. Andou pelas ruas muito tempo até que um senhor nos pediu para tomarmos conta dele. É o nosso Cigano.

Não é muito esperto mas há-os piores. Agora o que ele tem é muitas feridas e outras doenças. Quando foi a primeira vez ao curativo que o Senhor Prior faz todos os dias à noite, quando lhe punha água com uma pera pelos ouvidos para os lavar, a água saía-lhe pela garganta. É uma lástima.

Já está completamente curado o Folgosoinho que foi para o Hospital do Rego com uma febre tifóide. Ninguém contava que ele escapasse!

O Octávio fez agora a primeira das dele. Era um rapaz muito esperto e querido nos escritórios de todas as Companhias onde ia vender o jornal. Uma senhora dava-lhe sempre o almoço, muitas senhoras lhe deram fatos, e bolos e até um relógio de pulso!

Como o Senhor Padre Adriano o não deixou ir a Coimbra pela Páscoa, ele inventou que a mãe o tinha aconselhado a fugir e fugiu para casa dos parentes para eles lhe darem dinheiro para ir a Coimbra. Mas os parentes desconfiaram da mentira e vieram cá trazê-lo. Todos os que o conheciam ficaram pesados com a má acção do Octávio. Temos esperanças que ele não torne a fazer outra.

CARLOS ALBERTO LOPES

ma igreja. Outra senhora oferece as colunas do altar. Esperamos que os Monumentos Nacionais nos entreguem o plano de reconstrução para começarmos com as obras dentro em breve.

A segunda casa dos pobres tem já as paredes levantadas. Queríamos tê-la concluída no dia da Pátria, dia em que esperamos uma grande representação da fábrica A. P., para que os operários que tanta coisa dizem aos nossos rapazes que lá trabalham, sobre as suas dificuldades no que diz respeito a habitação, sejam testemunhas da alegria do pobre que nela vai habitar.

Os melhores contribuintes para aquela casa, foram os empregados da Vacuum, o que fizeram sem prejuízo da cotação mensal de 1.125\$ que vai ser desta vez a sexagésima. Cinco anos, portanto, de incansável contribuição.

Ainda para o Património vieram além da referida libra, 500 da Igreja de Fátima, 50 da CECIL, 50 para uma pedra, de Lisboa 50 pelas melhoras de pessoa querida; e 20 para telhas com uma A. M. pelos seus filhos; para os pobres da conferência, entregamos aos vicentinos 500, do Porto; 15 de Coimbra e 50 de Lisboa e muitas peças de roupa de cama e vestuário.

As caixas, tanques e quetes continuam a receber adesões: além das já crónicas (Nestlé e Vacuum) temos recebido notícias dos funcionários de Registo Predial e do Montepio Geral, aqueles com 50 e estes com 277\$70.

Da Escola do Exército, 502\$; da Escola Francesa 580\$00 e rebuçados, de alunas do Liceu Maria Amália 200 e ovos pintados, mercearia e doces. Estamos agora no período das excursões dos núcleos da Mocidade Portuguesa. Muitos mandam perguntar se podem vir. Por este meio respondemos a todos, que esta casa está patente diariamente, a toda a hora.

De duas criadas 70; em vale 20; duma promessa 50; pano de riscado para camisas, flanela para colchas, roupas usadas, louças, papel velho, albons etc. etc. trazidos por visitantes. Um colchão da R. da Lapa; mais o costumado suino primorosamente preparado, de Montemor o Novo; roupas e gravatas; uma cama e mais mobílias e livros. Coelhos e papel de Galveias. Roupas para o Património e dois enxovais para crianças dos pobres das conferências; roupas da Rua das Avoeiras.

Duma promessa 50; da Av. Almirante Res 50; do Bussaco 500; da Rua de Arroios para o jantar da Páscoa 50; 20 do Porto; duma senhora residente no estrangeiro 500; 100 de um viinho; 50 e vinte mais 20 em S. Domingos; 20 em sufrágio, 50 idem. Da Amadora 100, 20 no Tojal; 732 da América; 1.000 pelas melhoras de um doente; 100 da R. da Lapa; 100 duma promessa e 200 doutra promessa por participação nos lucros. Finalmente a precissão continua para o Montepio onde periodicamente retiramos carradas de embrulhos e dinheiro para o dia a dia desta casa.

PADRE ADRIANO